

A POESIA É NECESSÁRIA

Canção bicuda

DE AUGÚSTO MEYER

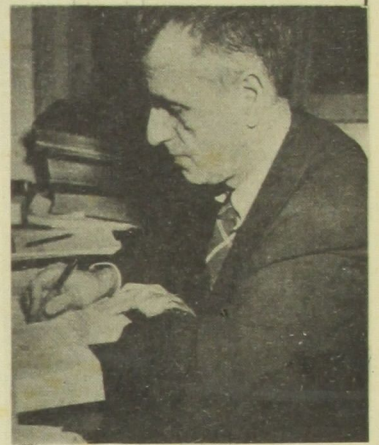
1 Bico bico surubico:
são fantasma familiares,
vêm bater na minha porta
caminhando sôbre os bicos
das botinas de mentira.

2 Bico bico surubico:
são amôres mal gorados,
tamborilam na vidraça
e me perguntam com os dedos:
bico bico surubico,
quem te deu tamanho bico?
Caminhando sôbre os cacos
dos anéis que se quebraram.

3 São fantasmas familiares,
são amôres mal gorados,
é a velha chocarreira
que passou varrendo os sonhos...
Tenho mêdo porque um dia
(bico bico surubico)
vem a velha me buscar
com sua cara de caveira.

Este é um dos "Poemas de Bilu" (1929) de Augusto Meyer, nascido em Pôrto Alegre em 1902 e que antes, como líder do movimento modernista no Rio Grande do Sul, publicara "Coração Verde" e "Giraluz". De lá para cá o poeta tem produzido alguns volumes de crítica ou ensaios em uma prosa firme e fina. Diretor, há muitos anos, do Serviço Nacional do Livro, Augusto dirigiu antes a Biblioteca Pública em Pôrto Alegre.

GENTE DA CIDADE



Roberto Alvim Corrêa

O brasileiro Roberto Alvim Corrêa, hoje professor de literatura francesa na Faculdade de Filosofia, fundou em Paris as *Editions Corrêa*, que esteve sob a sua direção durante dez anos. Não tinha capital e nem tinha relações em Paris. Isso foi por volta de 1936, quando Alvim Corrêa começou a sentir falta de certos livros, de que os editores do tempo se descuidavam, sobretudo livros de ensaio e de crítica. Seu plano causou espanto: editar livros assim era comercialmente uma idiotice! Ninguém lia crítica literária, só havia mercado para romances. Ele pensava de outra maneira: "Se eu sinto falta de livros de ensaios, deve haver muita gente com as quais se passa a mesma coisa".

O primeiro que o animou e prometeu ajudá-lo com algum dinheiro foi Charles du Bos. E quem entrou com o capital inicial foi Felix Pacheco, que andava em Paris por esse tempo, encomendando a Alvim Corrêa a tradução do livro brasileiro de sua preferência: "Mano", de Coelho Neto.

Du Bos, além de cooperar financeiramente, deu também à nova editora originais seus. A sede da nova organização editorial era uma diminuta mansarda, em que Alvim Corrêa era o único patrão e o único empregado. "Eu mesmo fazia os embrulhos e saía de manhã para procurar as livrarias (Paris tinha, então, 350.000 livrarias) e era recebido seticamente pelos livreiros". Estes perguntavam: "Du Bos? Corrêa? Com essa capa cinzenta?" E o editor, que lançou inéditos de Maritain, Benjamin Crémieux, Jean Cassou, Ramon Fernandez, Marcel Arland, etc., voltava para casa desanimado e tinha vontade de chorar.

No apartamento de Charles Du Bos, na ilha de São Luís, em Paris, conheceu Maritain, Mauriac, Maurois, Thomas Mann, Ernst Robert Curtius. Todos eles se simpatizaram com a idéia dessa editora valente e faziam alguma coisa por ela.

O editor brasileiro costumava a dizer a Jean Cassou: "Você acredita em Deus sem saber por-



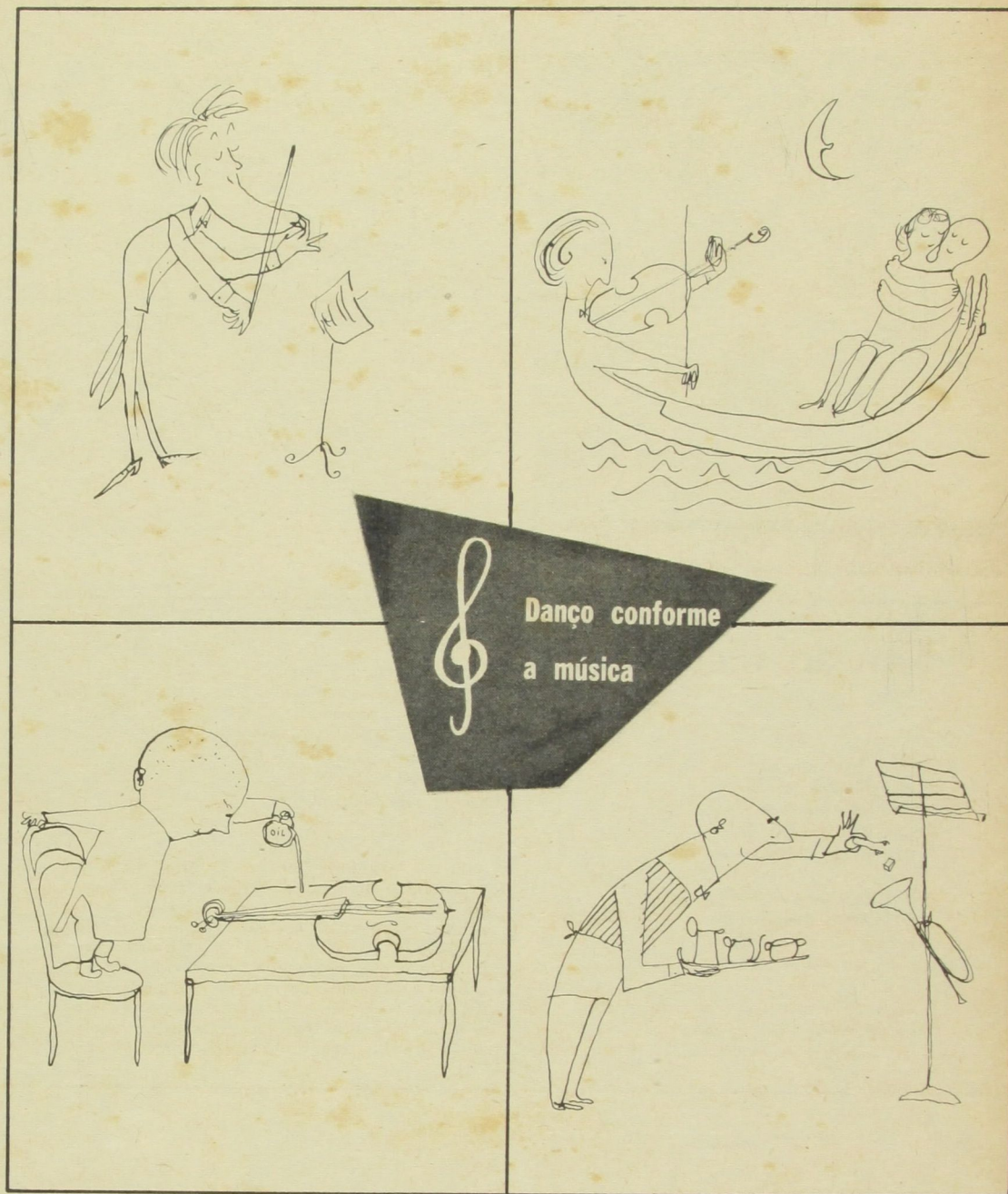
que não posso crer que um poeta no fundo de si mesmo não acredita em Deus". Jean Cassou ria.

Marcel Arland era "discreto e profundo"; Julien Green era "reservado e polido"; Max Jacob era um bom amigo: André Gide foi a única pessoa que lhe deu a impressão de gênio, de um gênio que não se comprazia na genialidade; Cocteau "possuía um extraordinário poder poético, uma sensibilidade viva, e sua conversa parecia um exercício para o livro que ele pretendia escrever".

Um livro lançado por Alvim Corrêa conseguiu, pela primeira vez, que o Prêmio Goncourt transpusesse as fronteiras da França: um livro de contos do escritor belga Charles Plisnier, então completamente desconhecido. "Faux Passeports", era esse o título, rendeu milhões de francos para a editora e foi traduzido em diversas línguas.

Outras obras famosas editadas por ele: "Approximations", de Du Bos, "Pour la Poésie" de Jean Cassou, "André Gide", de Ramon Fernandez (escrito a pedido do editor), "De Baudelaire au Surréalisme", de Marcel Raymond (cujo manuscrito ficou na gaveta durante três anos), "Le Romanier et ses Personnages", de Mauriac, "Le Songe de Descartes", de Maritain, "Une Époque", de Marcel Arland, "Du Rêve à la Réalité", de Edmond Jaloux, "Boire à la Source", de Jules Superville", etc.

Em 1936, com a ameaça da guerra, Alvim Corrêa resolveu voltar para o Brasil, sem realizar seu sonho de editar traduções de autores brasileiros. Com tôdas as saudades, diz que prefere estar aqui. Aqui publicou dois livros de ensaio: "Anteu e a Crítica" e "O Mito de Prometeu".



Dança conforme
a música

O FALSO PESCADOR

DN 13.5.48

Acontece que eu ganhei de presente uns pechecos de pesca. A princípio deleitei-me em mostrar tudo às visitas, e tudo era bonito, com instruções em inglês escritas em pergaminho, anzóis múltiplos, corocoxós coloridos para correr, um pequeno arpão e uma galatêa, isca de porco, puçá, uma faquinha de bom aço para cortar o ambicionado peixe e até um par de luvas, para pesca de maior cerimônia. Com o passar dos dias ficou, porém, evidente que eu estaria completamente desmoralizado se não usasse aquilo, e resolvi visitar uns amigos que moram numa praia distante.

Se o leitor é pescador e espera ler aqui alguma história excitante do ramo, que se desiluda; tudo que usei foi a mais fina e simples jogada, e com ela obtive apenas um pexinho de um palmo que nem sei o nome; meu amigo pegou uns quinze com sua vara de bambu e um anzol enferrujado. Fiquei um pouco desconcertado mas dei a entender que no fundo só me interessa a pesca de cachalote e leões marinhos, o primeiro por causa do ambar gris e o segundo por causa do nome heróico.

É de amigos, não de peixes que falarei. Aquê-le casal, que eu não via há muito tempo, pareceu-me bastante feliz. Ambos os cônjuges me confirmaram que sim, e com isso fiquei satisfeito, pois tenho visto muita gente infeliz, com tudo desarrumado na vida e até no sonho. Mas um sutil espírito de porco começou a me invadir quando ele começou a fazer uma certa propaganda de sua felicidade, e me confessou que nunca suspeitara a suprema doçura de criar galinhas e dormir cêdo. Ora, tenho como todo mundo uma infância povoada de galinhas. Essas aves são úteis principalmente pelo seu vagaroso "có-có-ró-có-ró-có-ró-có..." que nos dias de calor ajudam a gente a dormir a sesta e ainda outro dia me comovi muito num restaurante quando uma jovem minha conhecida disse que sua grande saudade do interior era uma boa canja com aquê-lo ovinho de galinha ainda não acabado de fazer, essas coisas me enchem de ternura. Gente nascida e criada na cidade grande sempre me parece no fundo meio ignorante, e não entende umas palavras e

umas coisas que não se pode ensinar porque seu gôsto só se aprende na infância.

O amigo mostrou-me um pé de fruta-pão que plantou, e tive vontade de dizer que ele me parece apenas um retardado mental, pois o essencial a respeito de um pé de fruta-pão é a gente nascer e crescer em uma casa onde haja um bem grande; quem não teve isso jamais o recupera.

Mas de repente me senti muito triste com tudo, e muito infeliz com a tendência para achar todo mundo infeliz. Sou um homem sem fôrça, e sem fé. Seria horrível que aparecesse uma mulher e me-disses: corta o teu pé de fruta-pão e também o teu velho cajueiro da infância, e então eu te sorrirei. Se essa mulher fôsses tu, oh Joana de peregrina beleza, eu cortaria as árvores sagradas, ainda que sabendo que por isso me desprezarias.

Esta história tinha continuação, mas agora de repente me deu uma tristeza grossa, e é melhor que não continue mais falando nem dos amigos que se acham felizes, nem de mim mesmo e de Joana muito menos, porque aí então não paro mais e nem digo coisa com coisa.